

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia de posse das Diretorias da Anfavea e do Sinfavea – Gestão 2007/2010

São Paulo - SP, 20 de abril de 2007

Senhor Jackson Schneider, presidente da Anfavea,
Senhor Rogelio Golfarb, ex-presidente da Anfavea,
Ministro Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio,
Luiz Marinho, da Previdência Social,
Senhor Alberto Goldman, vice-governador do estado de São Paulo,
Deputado estadual Vaz de Lima, presidente da Assembleia Legislativa de São Paulo,
Senhor Paulo Butori, presidente do Sindipeças,
Senhor Sérgio Reze, presidente da Fenabreve,
Senhor Cláudio Vaz, presidente do Ciesp, Centro das Indústrias do Estado de São Paulo,
Senhor Heleno José Bezerra, vice-presidente da Força Sindical,
Senhor José Lopes Feijóo, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC,
Senhoras e senhores representantes do setor automotivo,
Meus amigos, minhas amigas, meus senhores e minhas senhoras,

Eu penso que demorei muito para ser convidado para uma posse da Anfavea. Eu fui, durante muito tempo, dirigente sindical, Feijóo, e não tive o privilégio de ser convidado como presidente do Sindicato, somente como presidente da República, numa demonstração de que houve uma evolução extraordinária no aprendizado a que todos nós fomos submetidos nesses últimos 20 anos.

Mas a minha palavra aqui, não vou utilizar o meu discurso, é apenas, Jackson, para desejar a você mais sorte do que os teus antecessores tiveram. Eu convivi, nesses três anos, com o Rogelio. Tivemos um começo de conversação em que a gente não vislumbrava um momento importante para a

indústria automobilística, eu sempre mais otimista que o Rogelio e os outros empresários que ele levava a Brasília para conversar. Eu penso que agora nós atingimos um patamar de estabilidade em que poderemos, tranqüilamente, sonhar que o Jackson vai ter muito mais felicidade que os outros.

Eu acho que a indústria automobilística brasileira se modernizou. É verdade. Acho que o estado, seja o estado de São Paulo ou os outros estados que têm indústria automobilística, seja o governo federal, compreenderam muito rapidamente o peso que a indústria automobilística tem no desenvolvimento do Brasil. Ao mesmo tempo, a empresa também compreendeu que era preciso se modernizar, que era preciso investir em engenharia para que a gente pudesse, cada vez mais, ter produtos competitivos no mercado interno e no mercado externo. O resultado é que, por mais que se reclame, ano após ano, mês após mês – mesmo que o Rogelio não me diga –, a gente lê no dia seguinte no jornal que a indústria automobilística vendeu mais, que a indústria automobilística produziu mais, sobretudo, no mercado interno.

Eu lembro uma discussão que tivemos com a Anfavea sobre a questão do preço do aço no Brasil. Choravam o tempo inteiro que o aço estava subindo 70%, o que estava dificultando. O pessoal do aço criticava que a indústria automobilística não queria fazer contrato de longo prazo e ficava essa briga de dois gigantes. E nós tomamos a decisão de reduzir à alíquota zero a importação de aço. O aço parou de subir, essa é a verdade. Não sei se por conta disso, mas o dado concreto é que também a indústria automobilística não quebrou, as vendas mensais e as vendas no mercado interno têm crescido de forma extraordinária.

Obviamente que ela vai crescendo na medida em que vai crescendo a renda do trabalhador, vai crescendo na medida em que a gente vai melhorando a política de crédito e vai crescendo na medida em que a gente também começa a perceber que o trabalhador brasileiro e o consumidor brasileiro, eu penso que é uma coisa própria do Brasil, a gente não estar preocupado muito com o custo final de um produto. A gente está querendo saber é se a mensalidade daquele produto vai caber no nosso bolso a cada 30 dias, para saber se a gente pode pagar. E eu penso que nós também tivemos um avanço extraordinário tanto no crédito quanto na questão do aumento de prazo para

que as pessoas possam comprar um carro.

Não poderia deixar de registrar aqui o sucesso do flex-fuel. Eu lembro que esses meninos, o Marinho ainda era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, me apresentaram uma vez um projeto de renovação da frota de automóveis e de caminhões no Brasil. E sugeriam, dentre as alternativas para renovar a frota de carros, a indução da chamada “frota verde”, ou seja, criar um mecanismo em que o próprio estado pudesse começar a adquirir carro a álcool para a gente recuperar o carro a álcool no Brasil. E não precisou disso. O fato é que a engenharia brasileira, depois de provocada, depois de estimulada, conseguiu, em pouco tempo, mostrar um produto, mostrar um carro, que será o pacote mais extraordinário que a gente pode oferecer ao mundo. Um carro que tem alternância de combustível, que pode utilizar quanto quiser de cada um, um carro muito menos poluente, e um carro que, eu penso, será o carro do futuro no mundo, se nós quisermos cumprir as regras que os Estados conseguem estabelecer para diminuir o aumento do calor do nosso Planeta.

E outra revolução que está para acontecer no mundo e, graças a Deus, ela começa pelo Brasil, é a revolução do biodiesel. Eu tenho andado muito pelo Brasil, eu tenho andado muito pelo mundo, tenho discutido. Na semana passada, tivemos uma grande reunião com todos os chefes de Estado da América do Sul para discutir a questão energética, para discutir a questão dos biocombustíveis, para discutir a questão do petróleo, e nós estávamos discutindo a hipótese de um argumento que não tem muita veracidade, que é a incompatibilidade entre a produção de biocombustíveis e a produção de alimentos. Não existe nenhuma possibilidade de a gente entrar em choque nisso, até porque, por menos esperto que seja um cidadão, ele sabe que a principal energia para dirigir o carro é ele, primeiro, cuidar da sua energia – comer – portanto, ele vai produzir alimentos.

Uma outra possibilidade é que o povo precisa de renda para comprar alimentos, ou seja, um dos problemas da fome no mundo não é a falta de alimentos, é a falta de renda para comprar esses alimentos. Nos biocombustíveis, muitas das oleaginosas com que será produzido o biocombustível, você pode fazer uma combinação perfeita entre a produção da oleaginosa e a produção de alimentos, sem nenhum problema, Feijão. Se você

imaginar que no Brasil nós temos 851 milhões de hectares e, desses, 444 milhões vão para a agricultura; se você imaginar que a cana ocupa apenas 1% de toda essa terra; se você imaginar que a soja ocupa 4%; se você imaginar que o pasto ocupa 29%; e se você imaginar que, cada vez mais, a gente vai deixar de criar gado solto como nós criamos hoje e vai utilizar tecnologia para também criar o nosso gado, percebe-se que nós temos milhões e milhões de hectares para plantar o nosso biocombustível. Esse programa foi pensado, também, não apenas para o Brasil, ele foi pensado para o mundo, foi pensado para a África, foi pensado para a América Central, foi pensado para a América do Sul. Não há incompatibilidade.

Pois bem, neste momento histórico que estamos vivendo, em que a gente, Rogelio e Jackson, já não discute mais estabilidade econômica, essa coisa tem que ficar um pouco de lado, porque já conquistamos, e depois que a gente conquista, precisa apenas consolidar. Não se pode voltar a brincar como antes, temos que manter a estabilidade como uma conquista fundamental da sociedade brasileira, com a demonstração viva de que os juros vão continuar caindo e vão chegar ao patamar que podem chegar de sustentabilidade para a competitividade nacional no mundo globalizado. Se nós levarmos em conta que o problema de crédito de pagamento das nossas importações já não existe mais... Eu lembro que, em 2004, eu estava na Índia, quando a Índia atingiu 100 bilhões de dólares de reservas. Eu lembro que eu estava com um grupo de ministros, o Furlan estava comigo, o Palocci estava comigo, e a gente ficava discutindo: “Puxa vida, o dia em que o Brasil atingir 100 bilhões de dólares de reserva, nós vamos conquistar muito mais coisas”. Pois bem, já chegamos a 112 bilhões de dólares de reserva.

Vocês, que são empresários, vocês, que são agentes do desenvolvimento deste País, sabem que nós não temos mais esse problema. Pois bem, já conquistamos a confiança internacional, já estamos a ponto de ser um dos países de maior pretensão para os investidores estrangeiros. Nós, agora, precisamos estabelecer o quê? Uma cumplicidade boa entre nós, a cumplicidade de que não existe problema que o governo possa resolver sozinho ou problema que a indústria automobilística possa resolver sozinha, ou qualquer outra indústria. Nós temos que estabelecer regras de conversação, nós temos que estabelecer um diálogo capaz de enfrentar os problemas de

forma conjunta, e dar o salto de qualidade que o Brasil precisa.

Eu não me conformo de a gente só exportar 30%, porque nós temos um mercado à nossa espera. A África, daqui a 30 anos, terá 1 bilhão e 300 milhões de habitantes. Se 30% dessa população consumir alguma coisa, o Brasil pode, se quiser e for ousado, ter uma penetração extraordinária nesse mundo, como estamos tendo, agora, na América do Sul. Quando eu tomei posse, a gente tinha 400 milhões de balança comercial com a Venezuela. Hoje, nós temos 4 bilhões de balança comercial com a Venezuela e com todos os países.

A América Latina, hoje, é a maior parceira comercial do Brasil. Os Estados Unidos, enquanto país individualmente, são o maior. A Europa, enquanto conjunto de países, é o segundo, e não é mais o primeiro hoje, por quê? Porque nós resolvemos mudar um pouco a geografia comercial do mundo. Nós resolvemos estabelecer uma regra que eu aprendi, Marinho, no Sindicato. Eu aprendi, quando vocês, na indústria automobilística, na década de 80, me apertavam muito, eu tinha que aprender como construir leque de forças que pudesse garantir que eu tivesse mais peso na negociação. O que nós fizemos? Para a gente não ficar brigando dessa forma diferenciada, com dois blocos extraordinariamente fortes, União Européia e Estados Unidos, o que nós fizemos? Criamos um bloco. Qual foi o bloco? O G-20. O que tem o G-20? Nada mais, nada menos, do que países do tamanho da China, do tamanho da Índia, do tamanho da África do Sul, do tamanho do Brasil, do tamanho da Argentina, o que tornou o mundo negocial mais equilibrado. Hoje, eu duvido que haja uma negociação no mundo sem que eles tenham que chamar o G-20 para sentar à mesa, para a gente colocar as cartas em igualdade de condições.

Esse Brasil que nós estamos vivendo no ano de 2007 precisa dar passos. Nós demos um sinal com o PAC. O PAC, parece pouco, mas serão 250 bilhões de dólares de investimentos em quatro anos, o que pode começar a mudar a cara deste País de verdade. Na próxima terça-feira, estaremos lançando um programa de educação, preocupado exatamente com a formação profissional da sociedade brasileira, com a competitividade com os chineses e com a Índia. Por quê? Porque se a gente não investir no conhecimento, se a gente não fizer aflorar a inteligência da nossa sociedade, o que vai acontecer? Nós vamos ficar atrás outra vez. E eu não quero que o Brasil jogue fora a oportunidade que jogou no século XX. Eu tenho dito que o século XXI tem que

ser o século do Brasil, tem que ser o século daqueles que não tiveram vez no século XIX e no século XX. Portanto, nós poderemos, a passos largos, com uma responsabilidade que adquirimos nesse período, construir políticas conjuntas em várias áreas para o desenvolvimento deste País, para que a gente possa não apenas crescer a 4% ou a 4,5%, mas crescer um pouco mais, crescer de forma responsável, sem permitir que prevaleça entre nós aquele discurso de que 1% a mais de inflação não faz mal, porque quem aceita 1%, aceita 2%, quem aceita 2%, aceita 3%. Daqui a pouco a gente volta a ter inflação outra vez e, quando ela volta a crescer, a gente não controla no curto prazo, e todo mundo aqui tem essa experiência.

Pois bem, nós achamos que esse é o momento do Brasil. Ele depende da confiança que cada um de nós tiver em nós mesmos e no Brasil. Eu não tenho dúvidas, quem já conviveu comigo sabe, que nós vamos cumprir com a nossa parte. Vamos continuar acreditando que este é o momento em que, se os empresários brasileiros, o governo brasileiro, os governos estaduais, os prefeitos, sobretudo os das grandes cidades brasileiras, e os mais diferentes setores econômicos deste País, assumirmos a responsabilidade de tomar em nossa mão a construção deste País, nós evitaremos incorrer em erros do passado. Nós não permitiremos, em hipótese alguma, que a política determine a lógica da economia, porque isso foi um dos problemas que aconteceram muito com o Brasil no século passado. E nós agora, que já conquistamos o gosto, o prazer da estabilidade, da credibilidade, da confiança, do crescimento, não podemos parar.

Por isso, quero dizer, Jackson, que você tem, não apenas no ministro Miguel Jorge, de quem você é amigo há muito tempo, tem no governo todo, um parceiro, para que juntos, ao invés de ficar diagnosticando desgraça, a gente construa o futuro deste País.

Meus parabéns e que Deus te ajude nessa empreitada.